

## **CURSOS DE LÍNGUAS: A importância da comunidade na formação do professor de Língua Espanhola**

JAIMÉ LUCAS CARAMÃO DE MATTOS<sup>1</sup>; BIANCA BECKER PERTUZATTI<sup>2</sup>;  
ALINE COELHO DA SILVA<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – [jaimelucas99@gmail.com](mailto:jaimelucas99@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – [biancapertuzatti.bbp@gmail.com](mailto:biancapertuzatti.bbp@gmail.com)

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – [silva.aline.coelho@gmail.com](mailto:silva.aline.coelho@gmail.com)

### **1. INTRODUÇÃO**

O presente trabalho é resultado das reflexões feitas a partir da nossa atuação como ministrantes no curso Espanhol Básico, uma ação do projeto Curso de Línguas coordenado por professores do CLC (Centro de Letras e Comunicação) da UFPEL. Nosso objetivo é analisar a importância da relação com a comunidade para a formação do professor, usando como base nossas próprias experiências.

Como discentes do curso de Letras Português / Espanhol tivemos a oportunidade de atuar como ministrantes do supracitado projeto por quatro semestres consecutivos. E, ainda que cada um dos extensionistas fosse responsável por turmas diferentes e tivesse sua própria prática individual, a realização de reuniões de orientação semanais possibilitaram que pudéssemos refletir em conjunto sobre nossa atuação em sala de aula e sobre diversas temáticas que perpassam esse ambiente.

Essas considerações em conjunto, nos levaram à certeza de que a comunidade deve ter voz na educação e que é nosso papel ouvi-la. Isso porque a educação se dá entre educador e educando, e nem um lado nem outro detém o completo saber, o que permite o ensino-aprendizado mútuo entre ambas as partes. Segundo FREIRE (1987):

“[...] o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já, não valem. [...] Já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo.”

O nosso propósito é estar presente com a comunidade, descobrir seus desejos e necessidades para, juntos, trabalharmos com e na língua-alvo, através de materiais fora do uso convencional do livro didático ou do esquema caderno-quadro. E é a partir desse contato que podemos refletir qual a importância dessa experiência para nosso desenvolvimento como professores em formação, como alunos de um curso universitário e como falantes de uma língua estrangeira (LE).

### **2. METODOLOGIA**

Justamente por estarmos pensando na importância da nossa relação com a comunidade, observamos que todas as nossas ações devem ser pensadas na mesma. Desejos e necessidades dos nossos alunos para com as aulas e a língua

devem ser detectados, observados e ouvidos. É com este pensamento que decidimos trabalhar ao longo dos semestres com a diversidade e as atividades lúdicas, de modo a complementar nosso trabalho. Para tal, utilizamos de duas abordagens: a comunicativa, que já faz parte do currículo do curso, e a lúdica, que incluímos como forma de complementar o trabalho.

O método comunicativo condiz com a nossa proposta didática e a do curso, propondo a ideia de que o mais importante é compreender as formas gramaticais e suas regras a partir do uso real da língua, com situações que fazem parte do cotidiano e não com situações hipotéticas. Com tal método, proporcionamos a oportunidade de troca de experiência e conhecimento na língua-alvo, utilizando de fato o idioma, uma vez que entendemos que língua é comunicação, e a interação da comunidade é fundamental para uma aprendizagem dinâmica.

É também com uma abordagem comunicativa que trabalhamos com discussões que provocam a consciência crítica, geradas de atividades do livro didático ou com material complementar, acerca de temas importantes para o meio sociocultural e momento histórico em que vivemos.

Já a abordagem lúdica foi escolhida para trabalharmos com a revisão e o reforço de conteúdos, pois os jogos são capazes de funcionar como um instrumento de aprendizado em língua estrangeira. Tal abordagem resulta em um maior protagonismo do aluno, de modo que o mesmo aprenda ou reforce o aprendizado de forma divertida e usual.

Com esses métodos e suas respectivas atividades, pudemos refletir bastante no nosso papel linguístico e político em aula de LE, embasados por LEFFA (2008), que observa que “a formação de um professor de línguas estrangeiras, competente, crítico e comprometido com a educação é uma tarefa extremamente complexa [...]” e que, linguisticamente, somos responsáveis pela “criação” de uma nova língua na mente do aluno, enquanto politicamente, somos responsáveis pela percepção das relações de poder (incluindo em relação à língua) e onde o nosso aluno se encaixa nessa instância.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Pudemos observar, por via de algumas discussões em aula, o quanto havia falta de representatividade em materiais. Um dos primeiros problemas a se notar em aula foi a pouca presença latino-americana no livro didático, feito na Espanha, que apesar de ser um dos melhores livros para ensino de língua espanhola como língua estrangeira, tem suas falhas. Outras lacunas que percebemos no livro didático foi a mínima presença de: a) negros, se limitando a uma ou outra aparição na capa, e a presença de Barack Obama (que não é hispânico) em uma página; e b) pessoas fora dos padrões estéticos, de magreza, se limitando a algumas poucas aparições ao longo do livro, mas somente em representações desenhadas.

Com essas percepções, decidimos levar, através de vídeos que discutem questões sociais importantes, mais representatividade e demos mais protagonismo a minorias e a questões sociais, além de praticar sempre a língua com discussões sobre os vídeos vistos.

“A consciência crítica é a representação das coisas e dos fatos como se dão na existência empírica” (FREIRE, 1967), então trazer essas discussões para a aula de língua estrangeira tem um enorme ponto positivo porque lidamos com diferentes opiniões e maneiras de vermos a nós mesmos e aos outros. Isso é

justamente do que tratamos em uma aula de língua estrangeira: tentar aproximar as culturas e pensamentos, desmitificando pensamentos cristalizados e desconstruindo padrões impostos à sociedade.

Além das percepções de representação e diversidade, trabalhamos com atividades lúdicas para reforçar e revisar conteúdos, fossem estes vocabulários ou gramática, pois com atividades leves e divertidas, o aluno consegue fixar e/ou entender de uma forma diferente o conteúdo necessário.

Um exemplo da utilização do lúdico foi na atividade “¿Qué piensan de mí?”, na qual todos os alunos colaram um papel às costas e circularam pela sala, escrevendo um adjetivo positivo no papel de cada pessoa. No final, deveriam pegar seus papéis e dividir com a turma os adjetivos recebidos. A atividade foi divertida e os alunos revisaram muitos adjetivos, além das construções linguísticas necessárias para formular as frases.

Essa relação entre língua e política nas nossas aulas de LE questiona a tradição cultural em que o professor é (in)diretamente censurado politicamente em sala de aula. “Fomos criados numa tradição de que o professor, na sala de aula, não deve se envolver com política [...] No entanto, somos todos – professores, alunos e a própria escola – afetados por escolhas políticas. Transmitimos valores políticos não só pelo que fazemos, mas também pelo que somos” (LEFFA, 2016).

As atividades e toda a prática extensionista que tivemos nos faz observar que tivemos uma grande transformação enquanto profissionais. Entramos com dezenas de lacunas na língua e em didática e estamos terminando nossa experiência com uma evolução enorme tanto como falantes de Língua Espanhola quanto como professores dessa mesma língua.

A oportunidade que o Curso de Línguas nos dá, de ministrar aulas semanais de quatro horas de duração, nos faz ter um tempo de prática que não temos nem com os estágios obrigatórios na Licenciatura, e é nesse espaço extensionista que podemos pôr em prática o que aprendemos, podendo testar coisas novas, sempre pensando no nosso aluno.

#### 4. CONCLUSÕES

Observamos que a comunidade no Curso de Línguas faz não apenas o papel de grupo de alunos, mas um papel ainda maior, que agrega conhecimentos e nos faz questionar acerca do que é ser um bom professor, do que é uma boa aula, do que fazer para satisfazer os desejos e necessidades dos nossos alunos e como pensar a não-exclusão em aula de LE.

Foi importante para nós e nossa formação enquanto profissionais pôr o nosso aluno em primeiro lugar, escutar ele, escutar a comunidade, para satisfazer o desejo, o objetivo e a necessidade dele na língua, sempre fomentando o aprendizado no idioma de uma forma leve, interativa, dinâmica e com uma relação de amizade entre ministrante e comunidade, pois aprender uma LE não deve ser pesado, monótono e com a monopolização do saber centrado na figura docente, pois não somos detentores de todo o conhecimento.

O projeto Curso de Línguas nos oferece algo que não temos muito nos estágios, que é a possibilidade de termos uma turma a qual acompanhamos do início ao fim e podemos refletir muito melhor acerca de tudo o que perpassa o âmbito de ensino-aprendizagem.

Para finalizar, gostaríamos de frisar o quão a comunidade e o projeto são importantes para nós, porque não há professor sem contato com a comunidade,

precisamos estar aí exercendo o nosso papel e conhecendo de verdade a comunidade na qual estamos inseridos, precisamos ouvi-la e entendê-la para pensarmos e repensarmos os nossos métodos didáticos. Para melhorarmos a educação brasileira precisamos primeiro enxergar o nosso aluno, e esse é o nosso papel, enquanto professores em formação, de ter compromisso com o nosso aluno e, conseqüentemente, com o futuro da educação.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LEFFA, V. **Aspectos políticos da formação do professor de línguas estrangeiras**. In: LEFFA, V. (org.). **O professor de línguas estrangeiras: construindo a profissão**. 2ª ed., Pelotas: EDUCAT, 2008.